



ANTES DE TUDO, ELA PRECISA CONTAR A SUA HISTÓRIA

**ANTES QUE VOCÊ  
SAIBA MEU NOME**

JACQUELINE BUBLITZ

**ANTES QUE VOCÊ  
SAIBA MEU NOME**

**JACQUELINE BUBLITZ**

TRADUÇÃO  
**SARAH BENTO PEREIRA**



**BEFORE YOU KNEW MY NAME COPYRIGHT © 2021 JACQUELINE BUBLITZ  
FIRST PUBLISHED IN GREAT BRITAIN IN 2021 BY SPHERE  
ALL RIGHTS RESERVED.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.*

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**  
Preparação: **DANIELA TOLEDO**  
Revisão: **HELÔ BERALDO** e **THAÍS ENTRIEL**  
Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**  
Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bublitz, Jacqueline,

Antes que você saiba meu nome / Jacqueline Bublitz; tradução de Sarah Bento Pereira. — 1. ed. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

272 p.

ISBN 978-65-5957-058-4

Título original: Before you knew my name

1. Ficção neozelandeza I. Título II. Pereira, Sarah Bento

21-2875

CDD 828.9933

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção neozelandeza



1ª edição brasileira: 2021  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310  
Alphaville – Barueri – SP – Brasil  
CEP: 06473-000  
[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



# 1



A primeira coisa que compreendo sobre a cidade em que vou morrer é: ela bate como um coração. Meus pés mal atingem o asfalto, o ônibus que me levou ali arranca do meio-fio, e sinto a pulsação de Nova York, o seu martelar. Há pessoas por toda parte, correndo nesse pulsar, e fico de boca aberta, no meio da rua mais larga que já vi, cheirando, saboreando o mundo real pela primeira vez. Apesar de ter o nome de uma garota que caiu na toca do coelho, neste momento, eu me sinto como se tivesse saído da escuridão e deixado minha antiga vida para trás. Se você olhasse para trás, veria todas as placas que sinalizavam para as quatro direções e as bandeiras salpicadas de estrelas da pequena cidade americana nos dizendo adeus. Você teria um vislumbre de estradas malcuidadas, cheias de buracos, e das lojas de conveniência sem janelas, instaladas onde antes eram terrenos vazios. Você veria congeladores enferrujados ao lado de portas de vidro deslizantes e garrafas de bebidas em prateleiras empoeiradas. Se olhasse com mais atenção, talvez até encontrasse meu nome traçado na poeira fina entre os pacotes de batata frita vencidos e os rótulos das latas de molho desbotados.

*Alice Lee.*

Eu estou aqui. Ela estava lá. E então ela fugiu para a cidade de Nova York, deixando toda aquela poeira para trás.

A segunda coisa que compreendo é: não posso cair naquela toca do coelho outra vez. Nem mesmo se o Sr. Jackson aparecer lá no fundo, acenando com os seus dedos delicados. Preciso provar que posso sobreviver

sozinha, que posso sobreviver muito bem sem ele. Não serei como a minha mãe, que perdoava qualquer homem que pedia desculpas. Sabe, aprendi a lição em que ela mesma tinha fracassado: quando um homem descobre onde machucar você, a maneira como ele a toca muda. Ele não consegue se controlar e pressiona com força aquele local, não importa quantas vezes isso faça você chorar.

Eu nunca deixarei um homem me fazer chorar. Nunca mais.

Mexendo dentro da minha bolsa de viagem, eu a movo para a frente do meu quadril. Corro os dedos sobre a velha máquina Leica, enterrada no fundo da lona, sentindo as ranhuras da lente removível enquanto caminho. Não sei por que preciso dessa prova, venho sentindo o peso da câmera e as constantes batidas na minha coxa a viagem toda. Ela não poderia ter desaparecido de repente do fundo da minha bolsa, no meio dos meus suéteres, meias e calcinhas. Só que, mesmo assim, preciso me certificar de que a Leica está segura e intacta. Porque isso é o que me resta. Isso é o que eu trouxe comigo, e é uma pequena vitória saber que o Sr. Jackson logo perceberá o que eu tirei dele. Se ele não sentir minha falta, pelo menos sentirá falta de como costumava me olhar através daquelas lentes.

*Todo mundo perdeu algo, Alice.*

Não foi isso que ele me disse um dia desses?

**DURANTE TRÊS GLORIOSAS SEMANAS NO FINAL DO VERÃO DE 1995,** minha mãe apareceu em um *outdoor* na Times Square. Nos meses anteriores ao meu nascimento, você poderia olhar para o outro lado da rua e ver o lindo rosto dela decorando a lateral de um prédio alto e largo. Conheço esses detalhes pelas histórias que a minha mãe contava daquele verão. Ela fugiu para Nova York depois de não aguentar mais nem uma surra do pai, como se houvesse um número mágico para a tolerância de tais coisas. Ele tinha passado dos limites no décimo oitavo ano dela. Com o lábio ainda sangrando, ela roubou dinheiro da carteira do meu avô para comprar uma passagem de ônibus do condado de Bayfield, Wisconsin, para a cidade de Nova York, o lugar mais distante que podia imaginar. Em sua primeira noite na cidade, tentando não adormecer em uma mesa nos fundos de uma lanchonete suja da Oitava Avenida, ela conheceu

um fotógrafo semifamoso. Antes que a noite acabasse, ele a levou para o apartamento dele, a limpou e, quando ela estava bonita e arrumada, disse que estava apaixonado por ela. Claro que ele não estava apaixonado ou esteve só por um tempo, mas ele amava sua rica esposa nos Hamptons mais do que amava a minha mãe, então, um dia, ele a deixou. Ela já estava grávida quando ele tirou a foto do seu rosto sorridente que acabaria reinando na Times Square naquelas três semanas abafadas.

— Você estava lá comigo, Alice Lee — ela me lembraria. — Todo mundo olhava para nós, como se pertencêssemos àquele lugar.

Nunca soube se minha mãe tinha contado ao meu pai o que ele realmente estava vendo quando tirou aquela foto. Se alguma vez ele soube que sua filha estava no ventre da modelo fotografada. Os detalhes mais sutis de como as coisas estavam quando eu nasci ficaram borrados e manchados quando a história me alcançou.

Essas são as coisas em que penso. Nós duas em um *outdoor*, bem acima da Times Square. Minha presença despercebida naquela época, assim como hoje à noite, enquanto vagueio pelas ruas repletas de restaurantes movimentados e placas brilhantes, um enigma de palavras cruzadas de nomes pendurados pelas laterais dos edifícios mais chiques que já vi. Quem você precisa ser e o que tem que fazer para colocar seu nome lá em cima?

Daqui a algumas semanas, quando as pessoas não conseguirem mais parar de falar sobre mim, esta cidade vai me dar um nome totalmente novo. Meu nome verdadeiro será uma pergunta que ninguém poderá responder, então, eles me chamarão de Jane Doe.<sup>1</sup> Uma garota morta que...

Mas esta noite estamos apenas no começo de tudo. Meu nome é Alice Lee, acabei de descer de um ônibus de viagem superaquecido e comecei a andar na chamada Sétima Avenida da cidade de Nova York. Estou alerta, viva, presente, enquanto respiro o odor peculiar de papelão, urina e metal da minha primeira hora nesta cidade. Existe uma ordem

---

1. “Jane Doe” é um pseudônimo coletivo para mulheres, usado quando o nome verdadeiro é desconhecido ou está sendo intencionalmente ocultado. No contexto da aplicação da lei nos Estados Unidos, esses nomes são frequentemente usados para se referir a um cadáver cuja identidade é desconhecida ou não confirmada.

de como as coisas acontecem, uma trilha de migalhas que preciso que você siga. Neste instante, quero que você se perca comigo, enquanto giro o mapa no meu celular de segunda mão de um lado para o outro, seguindo o ponto azul que sou eu, piscando bem ali. Neste momento, as linhas e círculos não fazem nenhum sentido para mim.

Aqui estamos, em uma ilha. Cercados por água, e de alguma forma isso torna mais fácil respirar. Deixada em um terminal de ônibus movimentado com duas malas, seiscentos dólares em dinheiro e um endereço desconhecido salvo em meu celular. Acabei de fazer dezoito anos e há um milhão de coisas que não tenho permissão para fazer, mas posso fazer isso. Não se pode chamar isso de fuga. Embora, para ter certeza, como minha mãe, esperei completar aquele ano extra. Os anos são engraçados assim, a forma como certa acumulação deles lhe dá permissão para todo o tipo de coisas. Dezoito anos e, de repente, você pode consentir. Isso acontece à meia-noite, um minuto depois ou há algum outro cálculo que o deixa preparado? Capaz de *consentir*. Isso significa que não consenti antes? Certamente, parece que sim para o Sr. Jackson.

Passo os meus dedos por todo o metal e pelas lentes. Não consigo pensar nele sem tocar no que costumava pertencer a ele.

Eu costumava pertencer a ele.

Agora pertenço apenas a mim mesma. Não sou mais uma menor de idade, protegida pelo Estado. Com a adição de apenas um dia, não há mais ameaça sobre minha cabeça, não há mais uma lista de estranhos com o poder de controlar a minha vida. Tenho dezoito anos e, de repente, ninguém pode me tocar. Estou tão leve com essa percepção que eu poderia saltitar, não fosse o peso das minhas bolsas. As ruas largas e agitadas de Manhattan, com buzinas estridentes, motores assobiando e pessoas falando alto demais em seus celulares parecem feitas para saltitar nesta primeira e bela noite.

Eu faço uma dancinha com esses ruídos, tomando cuidado para evitar todas as rachaduras no concreto e os grandes buracos com estrutura de metal que parecem perfurar a calçada a intervalos cada vez maiores. Portas de porão, eu percebo, mas só depois que vejo algumas daquelas armadilhas enferrujadas se abrindo, homens de avental subindo das escadas

escondidas para a rua com caixotes de flores e sacos de frutas nos braços. Não tenho ideia de onde eles trazem esses presentes. Que jardins eles têm cultivado debaixo dos meus pés? Talvez haja outra cidade inteira vivendo e prosperando abaixo. O pensamento me faz acelerar o passo e deslocar o corpo para mais perto do meio-fio, para longe daqueles buracos e desses homens. Acabei de me içar a esse novo mundo; não quero nada nem ninguém me puxando de volta para baixo.

Enquanto sigo mais para o norte, movo minha cabeça da esquerda para a direita, para cima e para baixo, apreendendo todas as coisas pouco familiares, saudando cada placa de rua verde e branca, cada Estátua da Liberdade na loja de presentes, algumas do tamanho de uma criança. Os sinais *halal* e *kosher* piscam em boas-vindas nos restaurantes muçulmanos e judaicos, e o homenzinho do semáforo pisca para mim. É o meu batimento cardíaco que está tão acelerado quanto a cidade agora, absorvendo tudo, e eu tenho o impulso repentino de estalar meus dedos e chamar um táxi, como é feito nos filmes. Mas o tráfego vai para o sul nessa rua, os carros zigzagueando para a esquerda e para a direita enquanto passam por mim, tomando e cedendo centímetros um do outro, na melhor das hipóteses, e ninguém parece estar chegando a lugar nenhum mais rápido do que eu.

Com os pés doendo e os músculos rígidos por causa da longa viagem de ônibus, penso em ligar para Noah e perguntar o caminho mais curto até seu apartamento. Mas ainda não nos falamos. Não de verdade. Mensagens enviadas às pressas e respondidas com rapidez não contam, e eu nem sei o sobrenome dele. Pensando bem, é provável que eu devesse ser um pouco cautelosa. Um homem abrindo sua casa desse jeito para uma estranha. *Quarto disponível*, dizia o anúncio. *Cama própria, banheiro compartilhado*. Como se também fosse normal dividir a cama. *Trezentos dólares por semana — tudo incluído*. Eu não sei o que significa *tudo incluído*. Espero que signifique café da manhã ou pelo menos uma xícara de café. Reservei o quarto por uma semana para começar e isso vai custar metade do dinheiro no meu bolso. Não me permito pensar no que pode acontecer depois que esses sete dias acabarem, exceto para me lembrar de que uma semana é tempo suficiente para encontrar outro caminho. Se



houver algo de errado com esse tal de Noah de sobrenome desconhecido, simplesmente vou descobrir esse outro caminho, e rápido.

Não é como se eu nunca tivesse feito esse tipo de coisa antes. Só que, desta vez, se eu tiver que recomeçar, farei isso na cidade de Nova York.

Apesar dos meus pés doloridos, sinto um lento crepitar de excitação, como se esta cidade estivesse incinerando o meu sangue. Voltei ao lugar em que fui concebida. Todos aqueles anos de mudanças pelo Centro-Oeste, sem conhecer as crianças da minha classe, nem o nome do último namorado da minha mãe ou onde ela estava quando não voltava para casa à noite — foram apenas lições. Uma preparação para isso: para caminhar com as minhas próprias pernas, da melhor maneira possível, sem ser percebida. Vinte e quatro horas depois de chegar ali, tantos anos atrás, minha mãe passou a contar com a simpatia de estranhos. Não farei isso com esse tal de Noah, mesmo que ele acabe sendo a pessoa mais legal de Nova York. Eu não farei isso com ninguém aqui. Conquistei minha independência e não desperdiçarei meu futuro em algo que adquiri com tanto esforço. Tenho 79,1 anos prometidos para mim, essa é a expectativa de vida que eles deram às meninas nascidas em 1996, como eu. Aprendi isso na segunda ou terceira série, em uma escola qualquer de alguma cidade que não consigo lembrar, mas nunca esqueci o número — 79,1 anos — ou como me senti ao contar os que eu já havia gastado. Subtraia os anos da expectativa de vida de uma garota e veja o que me sobrou. Aqui, esta noite, no meu aniversário de dezoito anos, tenho mais de sessenta anos pela frente. Vou fazer um mundo inteiro desses anos, começando agora.

Mais tarde, quando chegarmos à próxima parte, não demorará muito para um homem, com os dedos no meu pescoço, provar que estou errada. Ele vai zombar da minha sinceridade, rir da ideia de uma garota como eu fazendo seu próprio mundo. Ele terá tanta certeza do próprio direito sobre o meu corpo que não deixará nada além da memória daquela garota para trás.

Continuaremos voltando a essa parte. Não importa o quanto eu tente, as ruas e os sons de Manhattan desvanecerão, os homens com suas frutas e suas flores desaparecerão e nós acabaremos lá embaixo, nas rochas. É inevitável, não importa o quanto eu tente distrair você. Porque esta

noite agitada e cheia de esperança é apenas uma parte da minha história. A outra parte é esta: há o corpo de uma garota morta esperando lá embaixo nas margens do rio Hudson.

O homem que fez isso a deixou ali e foi para casa. E logo haverá uma mulher solitária que olhará para baixo, do outro lado, para a garota morta. Posso ver essa mulher solitária chegando ou já vê-la ali, e ela está mais triste do que eu jamais fui, porque sua tristeza ainda está fervilhando. Ainda não transbordou e escaldou sua vida, o que a faz sentir que nada importante, nada significativo, jamais aconteceu com ela.

Eu estou prestes a acontecer na vida dela.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do  
vírus HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM OUTUBRO DE 2021